

**LITERATURA: A POSSIBILIDADE DE UM PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM INTERDISCIPLINAR****Literature: the possibility of an interdisciplinary teaching/learning process**Jorge Eduardo Magalhães de Mendonça<sup>1</sup>**RESUMO**

Este artigo tem por objetivo realizar um breve estudo sobre o processo de interdisciplinaridade nas aulas de Linguagem/Literatura por meio de textos literários, como as crônicas e os romances. Como cada autor aborda sua respectiva época e, principalmente, nas crônicas narra sobre sua atualidade, serão exemplificadas sugestões de um processo interdisciplinar de ensino/aprendizagem, o qual podemos investigar com o discente disciplinas como História, Geografia e Sociologia valendo-se do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* e a crônica da série *Bons Dias*, de 19 de maio de 1888, de Machado de Assis, além do romance *Clara dos Anjos* e da crônica “Os enterros de Inhaúma”, de Lima Barreto.

**Palavras-Chave:** Interdisciplinaridade; Crônicas; Lima Barreto; Machado de Assis.**ABSTRACT**

This article aims to make a brief study on the process of interdisciplinarity in Language/Literature classes through literary texts, from chronicles and novels. As each author usually approaches his respective time and, mainly, in the chronicles talks about his actuality, the suggestion of an interdisciplinary teaching/learning process will be exemplified, in which we can raise with the student disciplines such as History, Geography and Sociology through the novel *Memórias póstumas de Brás Cubas* and the chronicle of the series "Bons Dias", of May 19, 1888, by Machado de Assis and the novel *Clara dos Anjos* and the chronicle "Os enterros de Inhaúma", by Lima Barreto.

**Keywords:** Interdisciplinarity; Chronicles; Lima Barreto; Machado de Assis.

---

<sup>1</sup> Pós-Doutor em LA pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2022). É professor da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro. eE-mail: [jemagalhaes@yahoo.com.br](mailto:jemagalhaes@yahoo.com.br)

## 1. Introdução

No ensino de Literatura existe a possibilidade de proporcionar um processo de ensino/aprendizagem interdisciplinar, dentro das mais diversas linguagens e visões de mundo, tendo em vista que o texto literário geralmente aborda a época e o local dentro de seus aspectos sociopolíticos e econômicos do tempo em que foram escritos.

Podemos afirmar que o ensino de Literatura e, conseqüentemente, o letramento literário podem ter uma interdisciplinaridade, tendo em vista que é possível, além da língua, leitura e interpretação, propormos abordagens e ensino de outras disciplinas, como História, Geografia, Filosofia, Ciências, Sociologia, entre outras matérias previstas no currículo escolar; principalmente na leitura de crônicas, pois, além de serem textos curtos, abordam assuntos do cotidiano da época em que os autores viveram.

Dentro desta abordagem, serão enfatizadas, além dos romances de forma breve, algumas crônicas de Machado de Assis e de Lima Barreto para evidenciar que o processo de ensino/aprendizagem da Literatura, principalmente através das crônicas, pode ser de caráter interdisciplinar.

## 2. A crônica: uma possibilidade para o letramento literário

Podemos dividir o Letramento Literário em três partes distintas: a Literatura na escola, a seleção dos textos e o processo de leitura. Na primeira, pode-se contextualizar sobre como essa literatura é ensinada nas escolas atualmente, e como os seus alunos enxergam a Literatura.

Nesse contexto, é conveniente analisar que os professores estão sempre à procura de metodologias para instigar os seus discentes a aprenderem a Literatura. Apesar disso, os docentes acabam repetindo o mesmo padrão, ensinando as escolas literárias e suas características, muitas vezes, sem relação com o texto propriamente, sendo essa relação o maior propósito do letramento literário.

Segundo Ângela Kleiman:

Uma vez que não encontraremos homogeneidade nessa interação devido aos diversos estágios de desenvolvimento dos alunos na sala de aula, interessa primordialmente ao professor determinar qual é o potencial de aprendizagem de uma criança, dado o desenvolvimento que ela já tem. A fim de que a criança possa aprender, adulto e criança, conjuntamente, deverão construir um contexto de aprendizagem mediante a interação, cabendo ao adulto definir tarefas exequíveis, plausíveis, e significativas, segundo objetivos pré-definidos em comum acordo. Ou seja, para construir um contexto de aprendizagem mediante a interação, o aluno deve conhecer a natureza da

tarefa e deve estar plenamente convencido de sua importância e relevância (KLEIMAN, 2002, p. 10).

No âmbito atual, alguns professores se ocupam e se preocupam bastante em ensinar os períodos literários, e, nessas ocasiões, não há o contato direto com a obra e com o livro, o que engajaria e incentivaria o aluno à leitura e não meramente decorar períodos literários. A prioridade na prática da leitura seria um incentivo ao aluno para conhecer os textos literários. Em contrapartida, há alguns livros didáticos que têm uma boa abordagem da literatura e expõem trechos das obras literárias.

Em relação à segunda parte, na seleção dos textos, é conveniente que o professor selecione aqueles que de fato contribuirão para a formação desse leitor, ou seja: textos que os desafiem a uma reflexão e que, ao mesmo tempo, sejam canônicos, como, por exemplo, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e a crônica “Os enterros de Inhaúma”, de Lima Barreto, e dialoguem com a realidade do aluno, trazendo possibilidades de discussões.

Segundo Rildo Cosson:

O professor é o intermediário entre o livro e o aluno, seu leitor final. Os livros que ele lê ou leu são os que terminam invariavelmente nas mãos dos alunos. Isso explica, por exemplo, a permanência de certos livros no repertório escolar por décadas. É que tendo lido naquela série ou naquela idade aquele livro, o professor tende a indicá-lo para seus alunos e assim, sucessivamente, do professor. Esses fatores, dentro e fora da escola, não atuam de maneira isolada um dos outros, ao contrário, combinam-se das mais variadas maneiras. Diante deles, como se pode selecionar os livros para o letramento literário? (COSSON, 2019, p. 32).

Existe uma crença nas escolas, por parte dos professores, que para o discente ter um real aprendizado em relação à Literatura, o docente deve diversificar leituras de textos, tanto na diversificação dos autores, quanto nos gêneros literários, entre obras contemporâneas e canônicas e todos esses diferentes textos contribuem de forma peculiar.

Alguns professores acreditam que só devem trabalhar com textos contemporâneos porque estes nos mostram a sociedade na qual vivemos, e que os canônicos não devem ser abordados porque são muito complexos. Por outro lado, existem aqueles docentes que só querem trabalhar com canônicos ou clássicos. Entretanto, o docente deve buscar um equilíbrio entre o canônico e as produções contemporâneas: basicamente, a diversidade é algo que o professor deve levar em conta ao selecionar os textos entre o clássico, que nos expõe uma herança cultural e o atual, que aborda nossa sociedade. Tal equilíbrio traz uma evidente contribuição para o desenvolvimento do discente-leitor – sendo ele iniciado recentemente na

leitura – para que este consiga decifrar os códigos linguísticos e as mensagens, além do contexto que os textos trazem.

Devido à dificuldade na escolha de textos, as autoras Cristiane Menezes de Araújo e Sara Rogéria Santos Barbosa sugerem que a crônica possa ser um dos melhores gêneros textuais para trabalharmos nesse processo de letramento literário. A palavra *crônica* tem origem do radical grego *crono*, que significa tempo. Desse modo, o seu caráter contemporâneo relata acontecimentos daquele determinado cotidiano e aproximando mais o discente do presente e do passado.

Segundo Cristiane Menezes de Araújo e Sara Rogéria Santos Barbosa:

Diante da realidade encontrada no ambiente educacional no que se refere à falta da prática de leitura e escrita, tem-se a necessidade de utilizar os gêneros discursivos para proporcionar ao educando um contato direto com os diversos tipos de gêneros existentes em seu cotidiano diário. Sendo assim, trabalhar as atividades de leitura e escrita em sala de aula focada por gêneros discursivos é uma forma de possibilitar ao aluno o aprimoramento de sua competência oral e escrita, pois ele estará partindo de situações comunicativas que estão próximas de sua realidade diária. No entanto, a crônica é um gênero textual que está ligado à vivência do dia a dia do aluno e também possui uma linguagem simples que aproxima este das práticas de leitura e escrita no universo escolar de forma leve, prazerosa e espontânea. (ARAÚJO. *et al.*, 2013, p. 13).

Pode-se completar essa afirmação ressaltando que o discente não só se identificará com o seu dia a dia, mas também terá a possibilidade de conhecer, a partir de crônicas de tempos pretéritos, a sociedade daquele época em que o texto foi escrito e publicado, em uma interdisciplinaridade com a História e outras disciplinas.

### **3. Uma crônica de Machado de Assis como um estudo histórico e sociológico sobre a escravidão**

Publicado em 1881, inaugurando uma nova fase da obra machadiana, o romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, conta, através de um narrador-personagem, não só a sua trajetória, mas também todo o contexto dos valores da sociedade do século dezenove que, segundo Alfredo Bosi, é “um verdadeiro introito à prosa desmistificadora do defunto-autor” (BOSI, 1994, p. 178).

É importante destacar que Brás Cubas, o narrador em primeira pessoa, traça a sua biografia após a morte, pois “não era propriamente um autor defunto, mas um defunto- autor” (ASSIS, 2008, p. 7), ou seja, estava escrevendo as suas memórias depois de morto, justamente, livre para produzir uma narrativa transparente, isento de qualquer espécie de hipocrisia.

No capítulo intitulado “Um episódio de 1814”, Brás rememora que, ainda na infância, sua família faz um jantar para comemorar a queda de Napoleão e, tendo em vista que a Família Real chegara ao Brasil em 1808, o pai de Brás Cubas queria que o Imperador soubesse do jantar, como podemos verificar neste trecho do romance machadiano:

Não se contentou a minha família em ter um quinhão anônimo no regozijo público; entendeu oportuno e indispensável celebrar a destituição do imperador com um jantar, e tal jantar que o ruído das aclamações chegasse aos ouvidos de Sua Alteza, ou quando menos de seus ministros. (...) Dada a hora, achou-se reunida uma sociedade seleta, o juiz de fora, três ou quatro oficiais militares, alguns comerciantes e letrados, vários funcionários da administração, uns com suas mulheres e filhas, outros sem eles, mas todos comungando no desejo de atolar a memória de Bonaparte no papo de um peru (ASSIS, 2008, p. 27).

Verifica-se, assim, um contexto de bajulação, tendo em vista que a família do narrador-personagem acredita que, ao comemorar a queda do algoz do Imperador, haverá uma possibilidade de subir no conceito do monarca e, provavelmente, obter benefícios.

É válido ainda, já que é tão importante adaptarmos o ensino à realidade do aluno, comparar a atitude da família do protagonista com as redes sociais dos tempos atuais, ambientes que frequentemente são usados como forma de bajulação a algum político, muitas vezes, para que o bajulado saiba do fato.

Dentro de suas memórias, o narrador-personagem recorda que conheceu a espanhola Marcela, no dia 7 de setembro de 1822, justamente durante as comemorações da Proclamação da Independência do Brasil, no Largo do Rocio, quando tinha apenas dezessete anos. De uma forma sutil, Brás Cubas faz uma alusão à nova fase do país a dele próprio na puberdade, um processo de amadurecimento que ambos enfrentavam. Brás, ainda adolescente, experimentava seus arroubos por uma mulher e o país deixava de ser colônia, e precisava construir a sua própria identidade.

Observemos esta fala do narrador-personagem:

Vi-a pela primeira vez no Rocio Grande, na noite das luminárias, logo que constou a declaração da Independência, uma festa de primavera, um amanhecer da alma pública. Éramos dous rapazes, o povo e eu, vínhamos da infância, com todos os arrebatamentos da juventude. (ASSIS, 2008, p. 32).

Percebe-se que, segundo a narrativa, tanto Brás Cubas quanto o país estão sofrendo um processo de transformação, saindo da infância de dominação para uma fase independente. A

paixão de Brás por Marcela pode ser considerada uma simbologia do marco inicial de uma suposta libertação da nação.

A partir dessas duas passagens do citado romance, podemos também sugerir a interdisciplinaridade, principalmente com a História, em uma breve leitura dos trechos de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, para analisarmos com os discentes alguns fatos históricos.

Entretanto, é por meio das crônicas que melhor podemos promover esse letramento literário e interdisciplinar nas aulas de Literatura. Podemos citar, como exemplo, a crônica de Machado de Assis da série “Bons Dias”, de 19 de maio de 1888, cujo narrador-personagem dá uma carta de alforria, uma semana antes de ser assinada a Lei Áurea, apenas para se promover, como podemos verificar neste trecho da crônica:

Eu pertença a uma família de profetas *après coup, post factum*, depois do gato morto, ou como melhor nome tenha em holandês. Por isso digo, e juro se necessário for, que toda a história desta lei de 13 de maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa de seus dezoito anos, mais ou menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar. Neste jantar, a que meus amigos deram o nome de banquete, em falta de outro melhor, reuni umas cinco pessoas, conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo), no intuito de lhe dar um aspecto simbólico. No golpe do meio (*coup du milieu*, mas eu prefiro falar a minha língua), levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que, acompanhando as ideias pregadas por Cristo, há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia que a nação inteira devia acompanhar as mesmas ideias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus, que os homens não podiam roubar sem pecado. Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio abraçar-me os pés. Um dos meus amigos (creio que é ainda meu sobrinho) pegou de outra taça, e pediu à ilustre assembleia que correspondesse ao ato que acabava de publicar, brindando ao primeiro dos cariocas. Ouvi cabisbaixo; fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote. Todos os lenços comovidos apanharam as lágrimas de admiração. Caí na cadeira e não vi mais nada. De noite, recebi muitos cartões. Creio que estão pintando o meu retrato, e suponho que a óleo. (ASSIS, Gazeta de Notícias de 19 de maio de 1888).

Conforme podemos perceber, nesse trecho da crônica, há uma verdadeira intenção do narrador-personagem em fazer uma autopromoção, ou seja, o que chamamos hoje de *marketing* pessoal, cujas redes sociais são as principais ferramentas para essa autopropaganda.

Verifica-se que o protagonista não está interessado na liberdade de Pancrácio, mas apenas em se promover, tendo em vista que já sabia que a Princesa Isabel assinaria a Lei Áurea e o ex-escravo, por não ter para onde ir e nem ter qualquer qualificação, continuou vivendo na casa do patrão, praticamente nas mesmas condições de quando vivia oficialmente no cativeiro.

Observemos esta afirmação de Cilaine Alves Cunha:

A crônica de 19 de maio de 1888 faz parte da série “Bons Dias”, divulgada na Gazeta de Notícias entre abril desse ano até agosto de 1889. Nela, Machado recorta, como é próprio do gênero, a trivialidade de um acontecimento corriqueiro, como um jantar entre amigos, mas modifica a natureza agradável e amena do relato de circunstância. O texto envolve o evento com uma leitura sobre o tempo imediato da Abolição, entrelaçando as fronteiras da crônica do cotidiano com ficção e reflexão, fundindo, como diz o autor, o sério e o frívolo.

Num dos episódios dessa crônica, a concessão da carta de alforria ocorre uma semana antes de ser decretada a Abolição. Para pintar o ato comemorativo de outorga da carta com traços do absurdo, o autor põe em cena uma primeira pessoa dotada de uma inacreditável consciência escravocrata que se coloca como um abolicionista, elogiando a liberdade na prática da escravidão. No jantar solene, o narrador-personagem exagera e, na hipérbole, deforma o louvor a seu ato de conceder a inevitável liberação de seu escravo. Mas de seu autoelogio emerge também uma espécie de terceira pessoa implícita e crítica que se presentifica, entre outras estratégias, na paródia do discurso do beletista (CUNHA, 216, p. 215).

Como podemos analisar, o narrador-personagem é um verdadeiro hipócrita, pois não é sensível em relação ao seu cativo e, muito menos, com a escravidão de uma forma geral, preocupando-se apenas com sua autopromoção, tendo em vista que ser abolicionista, nesse período, era de bom tom ou o politicamente correto, como chamamos nos dias de hoje.

Citar esta crônica machadiana é um breve exemplo de como o docente pode trabalhar de forma interdisciplinar com seus alunos, no processo de leitura e letramento, abordando fatos históricos e promovendo um debate de caráter sociológico em relação à exploração e hipocrisia de ontem e de hoje.

#### **4. O reconhecimento do Rio de Janeiro no início do século XX através das crônicas de Lima Barreto**

Um dos escritores cuja obra melhor retratou a cidade do Rio de Janeiro foi Lima Barreto. Em suas crônicas, traçou uma verdadeira radiografia do então Distrito Federal, principalmente quando se trata do subúrbio carioca e de seus habitantes.

Segundo Lúcia Miguel-Pereira:

Ao lado de seu valor como ficção – o mais importante – os livros de Lima Barreto possuem o de serem crônicas da vida do Rio. Conhecia profundamente a sua cidade, cuja paisagem lhe forneceu, espalhadas por toda a obra, páginas descritivas de sóbria beleza (MIGUEL-PEREIRA, 1957, p. 314).

Lima Barreto, em sua obra, demonstra uma grande intimidade sobre o dia a dia da cidade em que nascera e se criara. Desse modo, como podemos verificar na citação, em seus romances também existia o cronista; talvez, por este motivo, que suas crônicas publicadas na *Gazeta da Tarde*, *Correio da Noite*, entre outros jornais da época, sejam tão representativas e nos façam enxergar, de forma tão transparente, o Rio de Janeiro de seu tempo.

Tanto quando se trata do subúrbio carioca, quanto do Centro da cidade, em seu processo de modernização, no final do século XIX e início do século XX, as crônicas de Lima Barreto são ótimos instrumentos no processo de Letramento Literário e no ensino de História, Geografia e Sociologia, no que tange ao processo de transformações sociais.

Publicada na Revista *Careta*, de 26 de agosto de 1922, a crônica “Enterros de Inhaúma” retrata, nos mais diversos aspectos, os contrastes do suburbano carioca, destacando a dificuldade de conduzir os sepultamentos para o cemitério, sem um meio de transporte viável, ainda com hábitos rurais, como podemos verificar neste trecho da crônica de Lima Barreto:

Certamente há de ser impressão particular minha não encontrar no Cemitério Municipal de Inhaúma aquele ar de recolhimento, de resignada tristeza, de imponderável poesia do Além, que encontro nos outros. Acho-o feio, sem compunção com um ar momo de repartição pública; mas se o cemitério me parece assim, e não me interessa, os enterros que lá vão ter, todos eles, aguçam sempre a minha atenção quando os vejo passar, pobres ou não, a pé ou em coche-automóvel.

A pobreza da maioria dos habitantes dos subúrbios ainda mantém neles esse costume rural de levar a pé, carregados a braços, os mortos queridos.

É um sacrifício que redonda num penhor de amizade em uma homenagem das mais sinceras e piedosas que um vivo pode prestar a um morto.

Vejo-os passar e calculo que os condutores daquele viajante para tão longínquas paragens já andaram alguns quilômetros e vão carregar o amigo morto, ainda durante cerca de uma légua. Em geral assisto à passagem desses cortejos fúnebres na rua José Bonifácio canto da Estrada Real. Pela manhã gosto de ler os jornais num botequim que há por lá. Vejo os órgãos, quando as manhãs estão límpidas, tintos com a sua tinta especial de um profundo azul-ferrete e vejo uma velha casa de fazenda que se ergue bem próximo, no alto de uma meia laranja, passam carros de bois, tropas de mulas com sacas de carvão- nas cangalhas, carros de bananas, pequenas manadas de bois, cujo campeiro cavalga atrás sempre com o pé direito embaralhado em panos.

Em certos instantes, suspendo mais demoradamente a leitura do jornal, e espreguiço o olhar por sobre o macio tapete verde do capinzal intérmino que se estende na minha frente.

Sonhos de vida roceira me vêm; suposições do que aquilo havia sido, ponho-me a fazer. Índios, canaviais, escravos, troncos, reis, rainhas, imperadores – tudo isso me acode à vista daquelas coisas mudas que em nada falam do passado.

De repente, tilinta um elétrico, buzina um automóvel chega um caminhão carregado de caixas de garrafas de cerveja; então, todo o bucolismo do local se desfaz, a emoção das priscas eras em que os coches de Dom João VI transitavam por ali, esvai-se e ponho-me a ouvir o retinir de ferro malhado, uma fábrica que se constrói bem perto.



Vem porém o enterro de uma criança; e volto a sonhar.  
São moças que carregam o caixão minúsculo; mas assim mesmo, pesa.  
Percebo-o bem, no esforço que fazem (BARRETO, 2017, p. 183-184).

Podemos sugerir, a partir desse excerto do texto, que o autor assegura e acrescenta aquilo se refere sobre da falta de recursos dos cemitérios e dos transportes inadequados na condução dos mortos, abordados em *Clara dos Anjos*, sendo, de certo modo, sarcástico ao minuciar uma singeleza rural, interrompida por elementos de um aparente progresso como um caminhão e a construção de uma fábrica; em síntese, um espaço indefinido, com o progresso do presente e as mazelas do passado.

A fábrica em questão, da crônica de Lima Barreto, provavelmente seja a antiga Fábrica de Tecidos Nova América, inaugurada três anos após a publicação do citado texto, que fechou suas portas em 1991, transformando-se em um *shopping center*, quatro anos depois.

Pode-se sugerir que seja feita uma comparação entre a região, no início do século passado e na contemporaneidade, destacando e comparando os problemas do passado com os atuais, levantando os seus pontos em comum, nesse processo nítido de interdisciplinaridade nos estudos de Literatura, História, abordando as transformações da cidade, após a Proclamação da República. Além disso, podemos usar a Geografia para uma análise do mesmo espaço físico, na época em que a crônica foi escrita e nos tempos atuais e, por fim, a Sociologia, discutindo sobre os problemas da época e no que impactaram na atualidade.

## 5. Considerações finais

Dentro deste processo de ensino/aprendizagem, o ensino de Literatura pode ser um excelente instrumento para a interdisciplinaridade em todos os seus gêneros literários e textuais. Entretanto, destaca-se a prosa, mais propriamente a crônica, tendo em vista que esse gênero textual aborda a contemporaneidade do autor.

A partir da leitura de textos, principalmente crônicas e, conseqüentemente, do letramento literário, o docente poderá expor ao seu alunato uma visão de mundo mais ampla, com temas transversais de outras disciplinas, despertando no discente maior senso crítico.

Certamente o professor, neste processo de incentivo à leitura e interdisciplinar, enfrentará diversos desafios e até resistência por parte dos alunos; todavia, a cidadania é uma construção lenta e progressiva, que não se dá da noite para o dia, mas sim em gradativo encadeamento de ações que só em médio e longo prazo colheremos os frutos.

### Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Cristiane Menezes de. BARBOSA, Sara Rogéria Santos. Crônica: gênero textual a serviço da formação de leitores. In: **Interdisciplinar - Edição Especial ABRALIN/SE, Itabaiana/SE, Ano VIII, v.17, jan./jun. 2013.**
- ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas.** Rio de Janeiro: Rovellet, 2008.
- BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos.** São Paulo: Editora Ática, 2002.
- \_\_\_\_\_. Os enterros de Inhaúma. In: **Lima Barreto: cronista do Rio.** Organização de Beatriz Resende. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2017.
- \_\_\_\_\_. **Triste fim de Policarpo Quaresma.** São Paulo: Editora Ática, 1989.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira.** São Paulo: Editora Cultrix, 1994.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2019.
- COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil.** Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, vol. 3, 1968.
- CUNHA, Cilaine Alves. Apresentação: crônica de Machado de Assis de 19 de maio de 1888. In: **Teresa** revista de Literatura Brasileira [17]; São Paulo, 2016.
- KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura: teoria e prática.** Campinas: Pontes, 2002.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **História da Literatura Brasileira – prosa e ficção (de 1870 a 1920).** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1957.